

DEFESA DE PALAMEDES. **GÓRGIAS**

DEFENSE OF PALAMEDES. GORGIAS

CAVALCANTE, G. (2016). Górgias. *Defesa de Palamedes. Archai*, n.º 17, may- aug., p. 201-218.

DOI: http://dx.doi.org/10.14195/1984-249X_17_9

Palavras-chave: Tradução, *Defesa de Palamedes*, Górgias.

Keywords: Translation, *Defense of Palamedes*, Gorgias.

archai 

n. 17, may-aug. 2016

INTRODUÇÃO

A *Defesa de Palamedes*, junto com o *Elogio de Helena* e o *Sobre o não-ser ou sobre a natureza*¹, constituem toda a obra de Górgias que sobreviveu até nossos dias e que podemos considerar textos completos. Fora eles, temos fragmentos de outros textos e testemunhos de alguns autores antigos, os quais foram pela primeira vez reunidos na coleção *Die Fragmente der Vorsokratiker*, de Diels & Kranz.

Apesar da crescente revalorização da qual a obra de Górgias vem sendo alvo², a *Defesa de Palamedes*, especificamente, não sofreu sorte tão grande quanto os dois outros textos remanescentes: poucos são ainda os estudos e traduções desse texto se comparados aos demais textos de Górgias³. Nesse sentido, cremos fazer-se necessário uma maior dedicação a ele. Não pretendemos, aqui, fazer uma análise detalhada desse discurso, mas apenas propor uma nova tradução ao português brasileiro. Portanto, nossa pequena introdução limitar-se-á a apresentar rapidamente o mito de Palamedes afim de contextualizar o texto de Górgias.

Assim como no *Elogio de Helena*, o texto de Górgias gira em torno de um personagem mitológico aparentemente bem conhecido pelos gregos, um herói participante das primeiras campanhas da guerra de Tróia: Palamedes, filho de Náuplio e Clímene, que teria sido injustamente acusado de traição por Odisseu e condenado à morte.

O mito de Palamedes nos chegou de modo fragmentado⁴ e o nome do herói não é sequer citado por Homero na *Iliada* ou na *Odisseia*. Sua fonte mais an-

tiga seriam os *Cantos Cíprios*, datados do século VIII a.C, cuja autoria é geralmente atribuída a Estasino de Chipre e que nos chegou de modo fragmentado. Proclo, na *Crestomatia*, fez um resumo dos onze livros que comporiam os *Cantos Cíprios*, no qual Palamedes aparece como sendo o responsável por desmascarar o plano forjado por Odisseu para não ir à guerra de Tróia.

Segundo se conta, quando os gregos foram a Ítaca buscar Odisseu para a expedição que iria à Tróia, o herói fingiu estar louco para não ser levado, prendendo um cavalo e um boi em um arado e conduzindo-os pelo campo. Odisseu conseguiu enganar a todos menos Palamedes, o qual colocou Telêmaco na frente do arado a fim de que o próprio Odisseu revelasse sua sanidade. Daí, supostamente, teria nascido o ódio de Odisseu por Palamedes que ao desmascará-lo obrigou-o a deixar sua terra e ir com os gregos para Tróia.

Haveria ainda três tragédias sobre o mito de Palamedes das quais nos restam apenas fragmentos: de Êsquilo (fr. 181 e 182), Sófocles (fr. 478-481) e Eurípides (fr.578-590), além de um discurso de um aluno de Górgias, Alcidas, o que nos faz deduzir que os atenienses do V século a.C. – época em que teria vivido Górgias – estavam bastante familiarizados com o mito de Palamedes.

Segundo a tradição, Palamedes se destaca por sua inventividade. A ele são atribuídas diversas invenções como, por exemplo, algumas letras do alfabeto, os números, pesos e medidas, táticas militares e o jogo de dados, o que poderia, também, ter despertado a inveja de Odisseu. Muitas são as variáveis do mito de Palamedes e as possíveis causas da injusta acusação levada

archai ἀρχαί

n. 17, may-aug. 2016

Gabrielle Cavalcante,
'Górgias. Defesa de
Palamedes', p. 201-218

a cabo por Odisseu, aqui pretendemos apenas aludir rapidamente a algumas.

Voltando ao discurso em questão, ele foi escrito por Górgias como uma suposta autodefesa de Palamedes contra a acusação de Odisseu e parece simular o ambiente de um tribunal composto por ilustres juízes, seus companheiros de guerra e o próprio Odisseu. Podemos observar semelhanças com as *Tetralogias* de Antifonte: uma sequência de quatro discursos, dois de acusação e dois de defesa, alternados, proferidos por uma única pessoa e dirigidos aos juízes.

Uma vez que Górgias parte da impossibilidade de Odisseu encontrar testemunhas de acusação – tampouco Palamedes poderia encontrar de defesa, pois seria impossível alguém presenciar o que não aconteceu –, Palamedes precisa desenvolver argumentos logicamente fortes para convencer os juízes de seu veredito. Os juízes só poderiam decidir através do que fosse demonstrado unicamente através do discurso.

O discurso é dividido em 37 parágrafos e subdivido por Unstersteiner (1949, pp. 112-113) em 6 partes: §§ 1-5, προοίμιον, proêmio; §§ 6-21, ἀπόδειξις, demonstração da inocência; §§ 22-26, τὰ πρὸς ἀντίδικον, argumento do adversário; § 27, ἀντικατηγορίαι, contra-acusação; §§ 28-36, τὰ πρὸς τοὺς δικαστὰς περὶ ἑαυτοῦ εἰς ἀπαιτήσεις, apelo aos juízes; § 37, ὑπόμνησις, recapitulação e encerramento.

DEFESA DE PALAMEDES⁵

(ΤΟΥ ΑΥΤΟΥ ΥΠΕΡ ΠΑΛΑΜΗΔΟΥΣ ΑΠΟΛΟΓΙΑ)

11a. (1) A acusação e a defesa não constituem uma sentença a respeito da morte, pois a natureza condenou todos os mortais à morte com um voto evidente, no dia mesmo em que surgiu. O perigo está em torno da honra e da desonra, se devo morrer justamente ou morrer violentamente, coberto dos maiores ultrajes e da mais vergonhosa culpa.

(2) Existindo essa duplicidade, uma possuíis inteiramente em vosso poder, e eu a outra: eu tenho a justiça e vós a força. Podereis facilmente condenar-me à morte se quiserdes, pois tendes poder sobre essas coisas, sobre as quais me encontro sem poder algum.

(3) Pois bem, se o acusador Odisseu, ou sabendo claramente que entreguei a Hélade aos bárbaros ou supondo de algum modo que as coisas se passaram assim, fez a acusação por afeição à Hélade, então seria um excelente homem; e como não seria aquele que salva a pátria, os genitores, toda a Hélade e, além disso, ainda pune o culpado? Mas se por inveja ou perfídia ou desonestidade criou essa acusação, assim como seria o mais poderoso homem por causa daquelas coisas, por estas seria o pior homem.

(4) Mas, ao falar acerca disso, por onde começar? O que dizer primeiro? Para onde dirigir a defesa? É que a culpa indemonstrável produz evidente perturbação e, por causa da perturbação, o discurso fica necessariamente bloqueado, a não ser que eu aprenda

archai 

n. 17, may-aug. 2016

Gabrielle Cavalcante,
'Górgias. Defesa de
Palamedes', p. 201-218

algo a partir da própria verdade e da presente necessidade, tendo encontrado mestres mais perigosos que dotados de recursos.

(5) Que o acusador me acusa sem saber claramente, claramente sei; pois sei claramente nada ter feito dessas coisas; nem sei como alguém poderia saber o que não aconteceu. Mas se ele fez a acusação supondo que as coisas se passaram assim, vos mostrarei de dois modos que não fala a verdade, pois, nem querendo eu poderia, nem podendo eu quereria empreender tais feitos.

(6) Tratarei primeiro esse argumento, de como sou incapaz de fazer isso. Com efeito, era preciso acontecer primeiro algum princípio de traição, e o princípio poderia ser uma conversa, pois, antes de ações futuras, é preciso que aconteçam conversas primeiro. Mas como poderiam acontecer conversas sem ter acontecido um encontro? E de que modo um encontro aconteceria sem que enviasse até mim alguém ou que alguém de minha parte tivesse ido até ele? Nem mesmo uma mensagem por escrito teria chegado sem um portador.

(7) Mas admitamos isso, que possa ter acontecido pela conversa. Nesse caso, então, de algum modo eu encontro-me com ele e ele encontra-se comigo. Quem encontra quem? Um heleno com um bárbaro. Como ouvir e falar? Um sozinho com o outro? Mas desconheceríamos as palavras um do outro. Com um intérprete, então? Nesse caso um terceiro tornar-se-ia testemunha do que deveria ser oculto.

(8) Mas admitamos que isso também aconteceu, embora não tenha acontecido. Depois disso, seria pre-

ciso dar e receber uma garantia. Qual seria então a garantia? Um juramento? E quem iria confiar em um traidor como eu? Reféns então? Quais? Como tal eu entregaria meu irmão (pois não teria outro), e o bárbaro um de seus filhos. Assim, a garantia seria a mais segura, tanto dele para comigo quanto de mim para com ele. Mas se isso tivesse acontecido, seria evidente a todos vós.

(9) Alguém dirá que usávamos dinheiro como garantia, ele dando e eu recebendo. Então, seria pouco? Mas não é verossímil receber pouco dinheiro em troca de grandes serviços. Muito então? Qual seria o transporte? Como um só o transportaria? Ou foram muitos? Se fossem muitos a transportar, muitas seriam as testemunhas da traição, mas se fosse um só a transportar, não haveria muito o que carregar.

(10) Transportaram de dia ou de noite? Mas os guardas são muitos e próximos entre si, pelos quais não se pode passar despercebido. Então de dia? Mas a luz certamente conflita com tais coisas. Que seja. Teria eu saído e recebido ou ele veio carregando? De fato, ambos são impraticáveis. E tendo recebido, como esconderia dos de dentro e dos de fora? Onde o colocaria? Como o vigiaria? Se o usasse ficaria evidente, se não o usasse, que proveito tiraria dele?

(11) Que seja então, admitamos que aconteceu o que não aconteceu. Encontramo-nos, falamo-nos, ouvimo-nos, recebi dinheiro da parte deles, passei despercebido ao receber e o escondi. Sem dúvida, seria preciso também fazer as coisas por causa das quais isso aconteceu. Isso seria ainda mais impraticável do que o que foi dito. De fato, ao fazê-lo, fiz sozinho ou

archai ἀρχαί

n. 17, may-aug. 2016

Gabrielle Cavalcante,
'Górgias. *Defesa de Palamedes*', p. 201-218

com outros? Mas essa ação não é de um só. Com outros, então? Com quem? Evidentemente com os que convivo. Livres ou escravos? Vós sois os livres com quem convivo. Quem entre vós soube de alguma coisa? Que fale. Quanto aos escravos, como não desconfiar? Pois acusam deliberadamente em vista da liberdade ou por necessidade, quando torturados.

(12) E como a ação teria acontecido? Evidentemente seria preciso ter introduzido inimigos mais poderosos do que vós, o que seria impossível. Como os introduziria, então? Pelas portas? Mas não me cabia nem abri-las nem fechá-las, são os chefes que têm autoridade sobre elas. Por cima das muralhas, então, com uma escada? Certamente não. Pois todas estão repletas de guardas. Abrindo uma fenda na muralha? Assim, teria se tornado evidente para todos. De fato, a vida militar é ao ar livre (é um acampamento), onde todos veem tudo e todos são vistos por todos. Portanto, era completamente impossível para mim, de todas as formas, fazer tudo isso.

(13) Examinai em conjunto também isto. Por que motivo conviria querer fazer isso, mesmo se pudesse mais do que todos? De fato, ninguém quer voluntariamente arriscar-se aos maiores riscos nem ser o mais vil nas maiores vilanias. Então, por que motivo? (Insisto de novo nisso). Para exercer a tirania? Sobre vós ou sobre os bárbaros? Mas sobre vós seria impossível, sois tantos e tão valorosos, aos quais pertence toda a grandeza, as virtudes dos antepassados, a magnitude das riquezas, a excelência, a força de espírito, o domínio das cidades.

(14) Sobre os bárbaros, então? Mas quem permitiria isso? Com que poder eu, um heleno, dominaria os bárbaros, sendo um só e eles muitos? Tendo persuadido ou violentado? De fato, nem eles quereriam ser persuadidos nem eu poderia violentá-los. Mas talvez concordassem em entregar-se de bom grado, retribuindo como recompensa pela traição? Mas seria realmente muita tolice acreditar e aceitar isso: pois quem escolheria a escravidão em vez da soberania, o pior em vez do melhor?

(15) Alguém poderia dizer que, por ser amante de riqueza e dinheiro, empreendi isso. Mas possuo dinheiro suficiente e de nada mais preciso. Pois precisam de muito dinheiro os que muito gastam, não os que dominam os prazeres da natureza, mas os que se escravizam aos prazeres e procuram obter honras por meio do dinheiro e da magnificência. Mas nada disso está presente em mim. De que falo a verdade, apresentarei minha vida passada como testemunho confiável. Vós sois testemunhas desse testemunho, pois conviveis comigo, e por isso sabeis disso.

(16) E certamente não por honra o homem medianamente sensato empreenderia tais atos. Pois as honras provêm da excelência e não da maldade. E como haveria honra para o homem que trai a Hélade? Além disso, acontece que não me falta honra. Pois fui honrado pelos mais honrados por causa do que é mais honroso, e por vós por causa da sabedoria.

(17) Certamente também não por segurança alguém faria isso. Pois o que trai é adversário de todos, da lei, da justiça, dos deuses, de grande parte da humanidade. De fato, transgride a lei, aniquila a justiça,

archai ἀρχαί

n. 17, may-aug. 2016

Gabrielle Cavalcante,
'Górgias. Defesa de
Palamedes', p. 201-218

corrompe a massa e desonra os deuses. A vida de tal tipo, cercada de grandes perigos, não traz segurança para ele.

(18) Então por querer ajudar os amigos ou prejudicar os adversários? Por causa disso alguém cometeria injustiça. Quanto a mim aconteceria tudo ao contrário: faria mal aos amigos enquanto ajudava os inimigos. Portanto, a ação não traria nenhuma aquisição de bens, e ninguém dissimula desejando sofrer um mal.

(19) Resta examinar se agiria fugindo de algum temor, sofrimento ou perigo. E ninguém poderia dizer que essas coisas me dizem respeito. Por esses dois motivos todos fazem tudo: visando um lucro ou fugindo de uma perda. Fora isso, o quanto se trapaceia é loucura. E o quanto faria mal a mim mesmo praticando tais coisas não é imperceptível, pois, traindo a Hélade, eu trairia a mim mesmo, os genitores, os amigos, a reputação dos antepassados, os templos paternos, as sepulturas, a maior pátria da Hélade. E aquilo que para todos é tudo, eu teria posto em mãos que cometeram injustiças.

(20) Examinai também isto. Como a vida não me seria insuportável tendo feito isso? Para onde deveria me dirigir? Para a Hélade? Seria julgado pelos injustiçados. Qual dos que sofreram males me pouparia? Permaneceria entre os bárbaros então? Desprezando toda a grandeza, privado da mais bela honra, vivendo na mais indigna infâmia, rejeitando os esforços duramente feitos na vida passada pela excelência? E isso por minha própria causa, o que é o mais indigno para um homem, ser desafortunado por sua própria causa.

(21) Nem mesmo entre os bárbaros gozaria de confiança: pois como confiariam em mim aqueles que sabiam que eu cometera o ato mais desleal, tendo entregue os amigos aos inimigos? E a vida privada de confiança não é vida. Pois quem tenha perdido dinheiro, ou tenha sido derrubado do poder, ou tenha fugido da pátria poderia recuperar isso, mas quem tivesse perdido a confiança não a ganharia mais. Portanto, fica demonstrado pelo que foi dito que nem podendo querer, nem querendo poderia trair a Hélade.

(22) Quero, depois disso, dirigir a palavra ao acusador. Sendo quem és, confiando em que me acusas de tal coisa? Vale a pena examinar atentamente o modo como falas, sendo quem és, como um indigno falaria a um indigno. Acaso me acusas por saber precisamente ou supondo? Se por saber, souberas por teres visto ou participado ou por teres ouvido de quem participou. Se foi por teres visto, indica a estes o modo, o lugar, o tempo, quando, onde e como viste. Se foi por teres participado, és suscetível às mesmas acusações. E, se foi por teres ouvido de quem participou, seja quem for, que ele venha, se mostre e testemunhe. Pois será mais confiável a acusação testemunhada. De fato, até agora nenhum de nós apresentou testemunha.

(23) Dirás talvez que é o mesmo nem tu apresentar testemunhas de coisas que, como tu dizes, aconteceram, e nem eu de coisas que não aconteceram. Mas não é o mesmo: pois o que não aconteceu é impossível se testemunhar de qualquer modo, mas acerca do que aconteceu não só não é impossível, mas fácil, não só fácil, mas necessário. Mas tu não encontraste testemunhas, nem sequer falsas testemunhas, enquanto a mim não é possível encontrar nenhuma das duas coisas.

archai ἀρχαί

n. 17, may-aug. 2016

Gabrielle Cavalcante,
'Górgias. Defesa de
Palamedes', p. 201-218

(24) Que, portanto, não conheces aquilo de que me acusas, é evidente. Resta que não sabendo, tu supões. Então tu, o mais audacioso de todos os humanos, confiando na opinião, a coisa menos confiável, e não sabendo a verdade, ousas pedir a pena de morte a um homem? Que tipo de ato sabes que ele praticou? De fato, opinar a respeito de tudo é comum a todos, e nisso em nada tu és mais sábio que os outros. Não se deve confiar nos que opinam, mas nos que sabem, nem considerar a opinião mais credível que a verdade, mas, ao contrário, a verdade mais que a opinião.

(25) Acusaste-me, pelas palavras que foram proferidas, de duas coisas muito opostas, sabedoria e loucura, que a mesma pessoa não pode possuir. Pois quando dizes que sou engenhoso, terrivelmente astuto e cheio de recursos, me acusas de sabedoria, mas quando falas que traí a Hélade, de loucura. Pois é loucura empreender atos impossíveis, inconvenientes, vergonhosos, com os quais prejudicaria os amigos e ajudaria os inimigos e tornaria a própria vida reprovável e perigosa. E como se deve confiar em tal homem que, no mesmo discurso, falando aos mesmos homens acerca das mesmas coisas, fala coisas tão opostas?

(26) Gostaria que tu informasses se consideras os homens sábios néscios ou sensatos. Pois se os consideras néscios, o discurso é novo, mas não verdadeiro. Se os consideras sensatos, sem dúvida não é próprio dos que tem senso cometer os maiores erros e preferir grandes males aos bens presentes. Portanto, se sou sábio, não errei; e se errei, não sou sábio. Então, dos dois modos, tu serias mentiroso.

(27) Embora possa te contra-acusar de teres cometido muitos e grandes erros, antigos e novos, não quero: pois quero escapar dessa acusação não por tua malevolência, mas pela minha benevolência. Para ti, era isso.

(28) Para vós, homens juízes, quero falar sobre mim, algo que é detestável, mas verdadeiro, pois não seria adequado a quem não foi acusado, mas a quem foi acusado convém. Agora, perante vós, dou conta e explicação da minha vida passada. Portanto, vos peço, caso vos recorde algum de meus belos feitos, que ninguém leve a mal o que foi dito, antes considere necessário a quem foi acusado terrível e falsamente falar algo de verdadeiro e bom diante de vós que conheceis, o que me é muito prazeroso.

(29) Portanto, a primeira, a segunda e a mais importante coisa é que a minha vida passada é, em sua totalidade, do princípio ao fim, irrepreensível, pura de toda culpa; pois ninguém poderia declarar, diante de vós, qualquer acusação verdadeira de maldade a meu respeito. Nem o próprio acusador apresentou qualquer prova do que disse; assim, o seu discurso equivale a uma injúria que não tem prova.

(30) Eu diria e, ao dizer, não mentiria nem seria refutado, que não apenas sou irrepreensível como também um grande benfeitor vosso, dos helenos e de todos os humanos, não somente dos que existem agora como também dos que virão. Pois quem tornou a vida humana cheia de recursos a partir do que carecia e a ordenou a partir da desordem ao inventar táticas de guerras, algo importantíssimo para a supremacia; e as leis escritas, guardiãs da justiça; as letras, instrumento

de memória; os pesos e medidas, facilitadores de trocas comerciais; o número, guardião das riquezas; os sinais de fogo, mensageiros poderosíssimos e os mais velozes; o jogo de dados, passatempo inofensivo dos tempos livres? Por que vos recordei isso então?

(31) Para deixar claro que dedico a mente a tais coisas e para fornecer indício de que me mantenho afastado de atos maus e vergonhosos. Pois é impossível que quem dedica a mente àquelas coisas se dedique a estas. E penso que, se eu próprio em nada vos prejudico, em nada devo ser prejudicado por vós.

(32) Tampouco sou merecedor de sofrer qualquer mal por causa de outros hábitos, nem por parte dos mais novos nem dos mais velhos. Pois aos mais velhos não sou incômodo e aos mais novos não sou inútil; aos afortunados não sou invejoso; dos desafortunados sou compadecido; não desprezo a pobreza, nem prefiro a riqueza à excelência, mas a excelência à riqueza. Não sou imprestável nas assembleias, nem negligente nas batalhas, fazendo o que foi ordenado e obedecendo aos superiores. Mas não me é típico elogiar a mim próprio; o instante me força a defender-me de todas as formas, tendo sido acusado de tais coisas.

(33) Resta-me vos dirigir uma palavra a vosso respeito; ao dizê-la, porei fim à defesa. A lamentação, as preces, e a intervenção dos amigos são proveitosas quando a multidão é juiz; perante vós, que sois os primeiros dentre os helenos e reconhecidos, não é pelo socorro dos amigos nem pelas preces nem pelas lamentações que é preciso vos persuadir, mas preciso escapar dessa acusação pela máxima evidência do justo, informando a verdade e não enganando.

(34) A vós é preciso não prestar mais atenção nas palavras do que nos atos, nem preferir as acusações às refutações, nem considerar que o curto tempo é juiz mais sábio do que o longo, nem julgar a calúnia mais credível do que a experiência. Pois, em relação a tudo, os bons homens têm uma grande precaução em não errar, mais ainda nas coisas irremediáveis do que nas remediáveis: pois estas, tendo sido previstas, podem ser evitadas, mas, sendo vistas, depois são incorrigíveis. É disso que se trata quando homens decidem sobre a morte de um homem, como acontece agora diante de vós.

(35) Se, por meio das palavras, a verdade dos fatos surgisse pura e evidente aos que ouvem, a sentença seria fácil a partir do que já foi dito; uma vez que não é assim, vigiai o meu corpo, aguardai mais tempo e decretai a sentença de acordo com a verdade. Pois é grande o perigo, ao vos mostrardes injustos, de destruir uma reputação e adquirir outra. Para os bons homens, é preferível a morte à uma reputação vergonhosa: pois aquela é o fim da vida, enquanto esta é doença.

(36) Se injustamente me condenardes à morte, será evidente para muitos: pois eu não sou desconhecido, e a vossa maldade será bem conhecida e evidente para todos os helenos. Vós tereis toda a culpa evidente, não o acusador: pois é em vós que está o poder do julgamento final. E não poderia haver erro maior que este. Não só cometereis um erro comigo e com meus genitores ao julgardes injustamente, mas vós próprios tereis a consciência de haver cometido um ato terrível, ímpio, injusto e ilegal, condenando à morte um homem aliado, útil a vós, benfeitor da Hélade. Helenos contra um heleno, sem terdes de-

archai ἀρχαί

n. 17, may-aug. 2016

Gabrielle Cavalcante,
'Górgias. Defesa de
Palamedes', p. 201-218

archai ἀρχαί

n. 17, may-aug. 2016

Gabrielle Cavalcante,
'Górgias. *Defesa de Palamedes*,' p. 201-218

monstrado qualquer evidente injustiça ou acusação credível.

(37) De minha parte está dito e aqui termino. Recordar brevemente o que foi amplamente exposto tem sentido diante de juízes medíocres, mas, diante dos primeiros helenos entre os primeiros helenos, não é digno sequer conceber que não prestem atenção nem relembrem o que foi dito.

NOTAS

1 Esse texto, diferente dos outros dois, nos foi transmitido de maneira indireta e em duas versões: uma atribuída a Sexto Em-pírico (*Adversus Mathematicos*, VII, 65-87), e outra a um autor anônimo, na terceira parte de um opúsculo pseudo-aristotélico, *De Melisso, Xenófanes e Górgias*, designado pela sigla MXG (979 a 12-980 b22).

2 Lembramos apenas alguns estudos, como Untersteiner (1949); Kerferd (1981); Cassin (1995); Coelho (1997); Giombini (2012).

3 A esse respeito, indicamos o trabalho de Giombini (2012) que, parece-nos, ser dos mais completos atualmente.

4 Para uma descrição detalhada das fontes do mito de Palamedes, indicamos a leitura de Martinez (2008, p. 82-86) e Giombini (2012, p. 147-151).

5 A tradução que segue tem como base a edição grega de Untersteiner (1949).

archai ἀρχαί

n. 17, may-aug. 2016

Gabrielle Cavalcante,
'Górgias. *Defesa de*
Palamedes', p. 201-218

BIBLIOGRAFIA

CASSIN, B. (1995). *L'effect sophistique*. Paris, Gallimard.

COELHO, M. C. M. N. (1997). *Górgias: verdade e construção discursiva*. (Dissertação de Mestrado em Filosofia). São Paulo, FFLCH/USP.

DIELS, H & KRANZ, W. (1989). *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Berlim, Weidemann.

GIOMBINI, S. (2012). *Gorgia epidittico: Commento filosofico all'Encomio di Elena, all'Apologia di Palamede, all'Epitaffio*. Perugia, Aguaplano.

KERFERD, G. B. (2003). *O movimento sofista*. Trad. Margarida Oliva. São Paulo, Ed. Loyola.

MARTINEZ, J (2008). *A Defesa de Palamedes e sua articulação com o Tratado sobre o não-ser de Górgias*. (Tese de doutorado em Linguística). Campinas, IEL/UNICAMP.

UNTERSTEINER, M. (1949). *Sofisti, Testimonianze e Frammenti*. Fascs. 2. Firenze, La Nuova Italia.

Submetido em Outubro e aprovado para publicação em
Novembro, 2015